

DERRIDA: A LIBERTAÇÃO DA METÁFORA DOS DOMÍNIOS DA METAFÍSICA

Marcos Sávio Santos Aguiar
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Mestrando em filosofia e Tutor de EAD no Departamento de filosofia
marcossavio.se@gmail.com

Resumo: Pensar Derrida é pensar no seu projeto desconstrucionista. A desconstrução é uma crítica aos conceitos filosóficos. Conceitos que dissimulam e interditam certas condutas. A desconstrução seria o desmonte dos elementos da escrita; o desmonte de elementos que escondem ou dissimulam partes do texto. A desconstrução nos revela o que está dissimulado. Nesse trabalho, vamos ver em que sentido o projeto de desconstrução do Derrida o aproxima de Nietzsche. Em que sentido a sua desconstrução é permeada por nuances de destruição/criação do Zarathustra. O território do filosófico perdendo sua delimitação com a invasão do literário. O conceito rompendo seus limites na presença da metáfora. Derrida busca um paralelo com Nietzsche para encontrar nexos entre literatura e filosofia, no intuito de distender os limites do sentido.

Palavras-chave: Metafísica. Desconstrução. Metáfora. Derrida. Nietzsche. Zarathustra.

Abstract: To think Derrida is to think about his deconstructionist project. Deconstruction is a critique of the philosophical concepts. Concepts that conceal and interdict certain behaviors. Deconstruction would be the dismantling of the elements of writing; the dismantling of elements that hide or disguise parts of the text. The deconstruction reveals to us what is hidden. In this work, we will see in what sense Derrida's deconstruction project approaches him and Nietzsche. In what sense its deconstruction is permeated by nuances of Zarathustra destruction/creation. The philosophical territory losing its delimitation with the literary invasion. The concept breaking its limits in the presence of the metaphor. Derrida seeks a parallel with Nietzsche to find connections between literature and philosophy, in order to distend the limits of meaning.

Keywords: Metaphysics. Deconstruction. Metaphor. Derrida. Nietzsche. Zarathustra.

Introdução

Qual a importância da metáfora em um texto filosófico? Por que Derrida e Nietzsche deram tanta importância a essa figura da linguagem? Será que a metáfora, no texto filosófico, escapa a qualquer tentativa de controle por parte de uma teoria ou de um sistema filosófico? Ou, ao contrário, a metáfora está na articulação interna que constitui a própria ideia filosófica?

Para responder a essas perguntas, Derrida, na sua obra *Margens da Filosofia*, no capítulo intitulado “A mitologia branca: a metáfora no texto filosófico”, lança mão da tese de que as metáforas continuam indomáveis, mesmo quando elas derivam de um substrato visando o controle da sua possível totalidade, como pretende o pensamento metafísico. Derrida faz uma crítica à tese de Pierre Louis, intitulada *Les métaphores de Platon*, onde, lá, este autor defende o princípio de organização interna das metáforas dentro do pensamento platônico.

A metafísica como usura

Qual a relação entre a metáfora e a usura? Esses dois termos recebem um sentido quando lhes concebemos um substrato comum, isto é, o fenômeno linguístico. Fenômeno como sensibilidade ou materialidade de uma língua. Pois, quando se fala da usura de um fenômeno linguístico, na verdade fala-se de uma figura sensível que se usa; o uso como um desgaste, até o ponto em que o lado sensível dessa figura passa despercebida em cada conceito metafísico. Um conceito metafísico é associado a uma noção abstrata, ou a uma noção que esconde sempre uma figura sensível. E a história da metafísica se confunde com o apagamento da eficácia da língua, ou com o desgaste ou a usura da sua efígie (seu lado sensível). O autor compara a ação da metafísica, no apagamento de uma língua, com os amoladores que, em vez de facas e cinzéis, passariam à pedra de amolar medalhas e moedas para apagar o exergo e a efígie. E quando, depois de terem feito, já não se vê sobre as peças nem Vitória, nem Guilherme, nem a República, eles dizem: Estas peças não tem nada de inglês, nem de alemão, nem de francês; retiramo-la do tempo e do espaço [...] (DERRIDA, 1991, p. 250).

Em suma, através desta indústria de amola-tesouras, as palavras passam do físico para o metafísico. Percebe-se aqui um esforço para querer salvar a riqueza natural de uma língua, a

virtude original da sua imagem sensível, deflorada e deteriorada pela história do conceito, isto é, uma degradação como passagem do físico para o metafísico.

Mas, como é que a metafísica produz a degradação de uma língua, ou o defloramento da sua imagem sensível? Qual o papel da metáfora no que diz respeito às essas ações degradantes da metafísica sobre a língua? Será que a metáfora é instrumento a favor da metafísica? Ou o contrário, a metáfora teria a função de salvar a riqueza natural de uma língua?

A metáfora como instrumento da metafísica

A questão aqui é de saber se a metafísica contém, dentro da sua história, uma história das metáforas, isto é, o que é que o filósofo é capaz de fazer com as metáforas a fim de transformá-las em instrumento da filosofia? Em outras palavras, queremos saber sobre uma possível metáfora filosófica (a metáfora metafísica) que esconderia a *figura original* da peça usada apagada, polida pela circulação do conceito filosófico. Se esse for o caso, então nos cabe perguntar se de todas essas palavras que foram desfiguradas pelo uso, ou mesmo forjadas com vista a qualquer construção mental, como é que podemos recuperar a sua figura original?

Quanto à esta questão, que trata da transformação das metáforas como instrumentos da filosofia, Derrida retoma a língua a partir da sua origem, ao dizer que todas as palavras da linguagem humana foram originalmente impressas com uma figura material e todas representavam na sua novidade alguma imagem sensível, materialismo fatal do vocabulário. Em outras palavras, que o sentido primitivo, a figura original, sempre sensível e material não era exatamente uma metáfora, mas uma espécie de figura que equivale a um sentido próprio. Mas, quando é que essa figura se torna metáfora? Segundo Derrida, ela se torna metáfora quando o discurso filosófico a põe em circulação. Na medida em que circula, esquece-se o primeiro sentido e o primeiro deslocamento (o percurso que o reconduziria à origem), e não mais notamos a metáfora e a tomamos pelo sentido próprio, duplo apagamento. Em suma, a filosofia seria essa apropriação do sentido (sentido próprio) após o duplo apagamento, isto é, esse processo de metaforização que leva a filosofia a se conduzir a si mesma. Mas o que é essa metaforização que leva a filosofia a si mesma? Ora, a metaforização, como uma ação sobre a linguagem e que produz a linguagem filosófica, seria como um trabalho de fricção sobre a língua natural, o gasto, um longo e universal uso até se perder qualquer traço de efigie. O autor fala da passagem ao limite, isto é, a usura absoluta de um signo. Mas o que é essa usura absoluta? Não será ela o que o metafísico prefere ao escolher por exemplo os

conceitos da forma negativa, ab-soluto, in-finito, in-tangível, não-ser? Derrida nos dá uma dimensão do quanto a usura ou a metaforização metafísica levou a linguagem filosófica para si mesma: ele toma ao acaso três páginas de Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, e em vinte e seis palavras, sujeitos de frases consideráveis, ele encontra dezenove termos negativos para sete afirmativos; isto quer dizer que os *ab*, os *in*, os *non* agem mais energicamente ainda que a pedra de amolar. Ao levantar (retirar) a determinação finita, estes têm por função romper o laço que retém, no ente particular, a totalidade do que é. Falamos aqui do problema da negatividade, isto é, da convivência entre a superação hegeliana e o conceito filosófico de metáfora, na tarefa do apagamento da figura sensível da língua. Mas o autor fala também do uso que os metafísicos fizeram da ciência quando eles dizem ela possuir ela própria um nome negativo; em outras palavras, quando eles tiram da ordem em que foram arrumados os livros de Aristóteles, isto é, arrumados numa pilha, e que tomar lugar depois deles é ficar por cima, colocar-se fora da natureza (a metafísica). (DERRIDA, 1991, p. 252).

Ainda que a metáfora metafísica tenha fornecido todo o sentido de cima para baixo, ainda que tenha apagado pilhas de discursos físicos, a questão que se coloca é: como podemos reativar a inscrição primitiva e restaurar a natureza adormecida da linguagem?

A metáfora como símbolo

Quando se fala em reativar a inscrição primitiva da linguagem, ou a sua natureza adormecida, questiona-se sobre a história escondida de uma metáfora, isto é, passamos a privilegiar a diacronia ao invés do sistema. Na diacronia (DUROZOI, 1990, p. 94), podemos estudar um objeto mostrando suas relações a outros eventos, não limitado à um instante dado, mas retraçamos uma evolução anterior ou posterior, de modo que a diacronia permite, neste caso, a busca de uma origem de uma natureza adormecida ou de uma inscrição primitiva da linguagem. Esta concepção simbolista da linguagem rejeita o sistema, isto é, toda forma de combinação posicional, metonímica, como por exemplo, na relação de causa a efeito. A metonímia¹ é uma figura de linguagem pela qual designamos uma coisa pelo nome de uma outra tendo com a primeira uma relação de necessidade (de causa a efeito, de parte à totalidade etc.). Em outras palavras, nesta concepção simbolista da linguagem, rejeita-se a relação sistemática, posicional ou metonímica, isto é, limitada ao instante dado, de modo que a ligação do significante ao significado deve permanecer, ainda que escondida, uma ligação natural de semelhança, abrindo suas relações a outros eventos, anteriores ou posteriores, como

¹ Ibid., p. 94.

na recuperação semântica ou na busca da sua origem. Desse modo, a metáfora resultante é definida como o tropo da semelhança, não só simplesmente entre o significante e o significado, mas entre dois signos já designando um pelo outro. Em suma, Derrida (DERRIDA, 1991, p. 255) procura dar um traço mais geral à metáfora, autorizando a juntar sob este nome todas as figuras ditas *simbólicas* ou *analógicas* (figura, mito, fábula, alegoria). Derrida faz aqui uma crítica à linguagem filosófica, crítica do modo com que a filosofia se apropria da metáfora como uma abstração negativa da linguagem, uma erosão progressiva, uma perda semântica, um esgotamento ininterrupto do sentido primitivo, uma extração do seu solo natal.

Perguntemos então: o que Derrida pretende fazer com a metáfora filosófica? Será que o autor propõe uma interpretação deste conceito de *usura* que ainda pertence a uma configuração histórico-filosófica estreita? Ou será que ele propõe romper a ligação da metáfora com o sistema, no caso, do sistema filosófico? Como decifrar a metáfora no texto filosófico?

As metáforas filosóficas escapam a todo controle metafísico

Será que a metáfora, no texto filosófico, permanece um exergo apagado, isto é, um conceito metafísico, uma forma pobre, abstrata? Se assim for, então a metáfora está controlada por uma metaforologia geral da filosofia que pretende dominá-la. Em outras palavras, torna-se produto de uma rede de filosofemas que correspondem a figuras sem história, sistematicamente consolidadas. Mas, segundo Derrida (1991, p. 260), a metáfora, mesmo sustentada por qualquer que seja o alicerce, não se deixa dominar por si própria, nem pelo que a engendrou, isto é, ela se faz crescer no seu solo, de modo que o conceito de metáfora tenta em vão compreender sob a sua lei a totalidade do campo ao qual pertence. Em outras palavras, se se pretendesse conceber e classificar todas as possibilidades metafóricas da filosofia, pelo menos uma metáfora ficaria sempre excluída, fora do sistema; o campo nunca se satura. Derrida² dispõe de um argumento para provar que a metáfora não se deixa dominar. Segundo o seu argumento, mesmo que queiramos regular a metáfora por um conceito rigoroso de metáfora, será, de mesmo, necessário reconhecer a importação para o discurso filosófico de metáforas, isto é, de significações que se tornaram metáforas ao serem transportadas do seu próprio *habitat* (de fora da filosofia) para dentro do conceito filosófico de metáfora. Assim, importaríamos metáforas de seus locais de origem: existiriam metáforas biológicas, orgânicas,

² Ibid. p. 260-261.

mecânicas, técnicas, econômicas, históricas, matemáticas”. Para Derrida, o reconhecimento de metáforas segundo as suas religiões de origem nos leva necessariamente a opor dois discursos distintos, isto é, os discursos emprestadores (os discursos de origem) em oposição aos discursos que pediram o empréstimo. E, assim, temos de um lado aqueles discursos mais originais em si mesmos, e, de outro lado, aqueles cujo objeto deixou de ser originário ou primitivo. Os primeiros fornecem as metáforas físicas, os segundos, metáforas artificiais, culturais. Esta oposição *physis/nomos* está em todos os lugares. E o fio condutor, apagado, não é declarado. Mas – diz-nos Derrida³ – acontece que há autores que não pretendem romper esta oposição; Por exemplo, na tese, *Les métaphores de Platon*, Pierre Louis anuncia que não segue o modelo de classificação migracionista ou genealógico. Em outras palavras, ao critério externo do domínio de proveniência (a busca externa da origem), ele prefere o princípio de organização interna das metáforas, propósito do discurso filosófico. Por exemplo, para dar conta do pensamento platônico, do seu sentido e de sua articulação interna, constitui uma exigência reconstituir o sistema de metáforas de Platão. Sob o ponto de vista da articulação interna do pensamento platônico, as metáforas constituiriam a expressão de uma ideia, e possuiriam uma ligação interior e essencial. Somente dessa forma pôde-se chegar a um longo desenvolvimento das ideias platônicas. Pierre Louis acrescenta que se Platão se limitasse ao modelo de classificação genealógica das metáforas, isto é, que consiste em agrupar as imagens segundo o domínio de que o autor as pede de empréstimo (origem externa), as imagens serviriam apenas de ornamentos, destinadas a exprimir melhor as ideias do que fazer dessas ideias um longo desenvolvimento, como o faz o método platônico em relação às metáforas, isto é, o método da organização interna das metáforas. Para ilustrar, este autor distingue o método genealógico do método platônico ao estabelecer a distinção entre a *comparação* e a *metáfora*. Segundo ele, a comparação aparece sempre como um acessório facilmente destacável, enquanto que a metáfora é absolutamente indispensável ao sentido da frase, de modo que, proporcionalmente falando, este autor nos insinua que o método genealógico está para a comparação, assim como o método platônico está para a metáfora.

Mas, na contramão de Pierre Louis, Derrida (1991, p. 264) questiona que se a metáfora está encarregada de exprimir uma ideia ou o conteúdo de um pensamento, como se cada uma dessas palavras ou conceitos não possuísse toda uma história, isto é, como se toda uma metáfora não tivesse deixado qualquer marca. Então, quantas violências arquitetônicas não foram impostas, sob o pretexto de fidelidade, ao pensamento daquele que recomendava

³ Ibid., p. 261.

respeito pelas articulações de um discurso como um organismo vivo, referindo-se, justamente, a Platão? Derrida faz aqui uma crítica à violência que os metafísicos fizeram contra a metáfora.

Derrida⁴ responde que o metafórico encontra a sua aplicação não numa elaboração filosófica, mas na expressão falada, isto é, as metáforas nascem de uma palavra que significa inicialmente qualquer coisa totalmente sensível, e é transportada para a ordem do espiritual. E que, em geral, palavras que se reportam a um saber possuem na sua significação própria um conteúdo absolutamente sensível, mas que é seguidamente substituído por uma significação espiritual; o primeiro sentido é sensível, o segundo espiritual. Isto é, pouco a pouco, pelo uso, uma tal palavra se transforma para se tornar de expressão não-própria em expressão própria, enquanto que, na sequência, pela facilidade corrente de captar uma expressão na outra, a imagem e a significação não se distinguem já uma da outra e que a imagem, em vez de uma intuição concreta, nos dá imediatamente a significação abstrata. Nas línguas, é fácil de estabelecer essa diferença entre as metáforas efetivas e aquelas que, à força da usura (do uso), se precipitaram e caíram ao nível de expressões próprias.

A oposição entre metáforas efetivas e metáforas apagadas corresponde ao valor do uso. O movimento de metaforização (origem depois apagamento da metáfora, passagem do sentido próprio ao sentido espiritual através do desvio das figuras), sobretudo, constitui apenas um movimento de idealização, e é compreendido sob a categoria do idealismo dialético, isto é, a superação, ou seja, a memória que produz os signos, interioriza-os ao elevar, suprimindo e conservando a exterioridade sensível. Esse esquema é posto em ação para resolver a oposição natureza/espírito, natureza/história ou natureza/liberdade, ligada genealogicamente às oposições sensível/espiritual, sensível/inteligível, sensível/sentido. Segundo Derrida (1991, p. 265-267), em nenhuma outra parte esse sistema é mais explícito que em Hegel. Ora, ele descreve o espaço de possibilidade da metafísica, e o conceito de metáfora, assim definido, lhe pertence.

Suponhamos provisoriamente que é possível acreditar nessas oposições e confiar a estas o programa de uma metafórica geral da filosofia. Ao dizer que as metáforas têm origem natural, é o mesmo que dizer que essa origem natural é constituída de uma zona de receptividade nas regiões da sensibilidade. Assim, todos os discursos que possuem conteúdo sensível empírico, procuram conteúdos metafóricos de tipo sensível no discurso filosófico.

⁴ Ibid. p. 265.

Pode-se, portanto, ser tentado a analisar estes conteúdos segundo os conceitos clássicos da sensibilidade. Fala-se, assim, de metáforas visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas.

Mas, segundo Hegel⁵, a esta estética empírica de conteúdos sensíveis deveria corresponder uma estética transcendental e formal das metáforas (a oposição sensível/espiritual), pois a noção de transposição e de metáfora repousa na distinção do sensível e do não-sensível como dois domínios subsistentes cada um por si. Uma tal separação assim estabelecida entre o sensível e o não-sensível, entre o físico e o não-físico, constitui um traço fundamental daquilo que se chama “metafísica” e que confere ao pensamento ocidental os seus traços essenciais. A metafísica perde o lugar de um pensamento autorizado, uma vez reconhecida como insuficiente esta distinção do sensível e do não sensível. A partir do momento em que esta limitação da metafísica foi localizada, a concepção determinante da “metáfora” cai por si mesma. E determinante devido à maneira pela qual nós nos representamos o ser da linguagem. O metafórico existe apenas no interior das fronteiras da metafísica.

Mas, como pensar a metáfora em um discurso não metafísico?

Considerações Finais

A metafísica, filosofia ocidental, se caracteriza por colocar seus métodos, seus objetivos, sua ideia original, sua verdade. Trata-se do que Derrida chama de pensamento logocêntrico. O que faz Derrida? Ele faz uma busca desconstrutiva, percorrendo a história da filosofia, colocando sob suspeita a verdade filosófica. Derrida, segundo Guimarães (1996, p. 70), busca deslocar a filosofia do centro, isto é, deslocar *figuras de identidade*, de *origem*, que são responsáveis pela prisão do jogo representacional. O conceito de representação tem como base ser a cópia do modelo original. O discurso original é o discurso único, o discurso que cria oposições; Derrida propõe o abandono do discurso único, propõe abrir caminho para a diferença, a pluralidade. Desse modo, ele busca desconstruir oposições entre natureza/cultura, sujeito/objeto, fala/escrita, presença/ausência, inteligível/sensível, que frequentam e habitam os textos filosóficos. Tais oposições só podem ser desconstruídas na medida em que são *contaminadas* uma pela outra, explodidas por dentro do próprio jogo que as constitui e as sustenta. É pelo abandono do limite do conceitual que a metáfora é assumida na trama do texto, evidenciando as ambiguidades subjacentes ao conceito. Desse modo, Derrida fala de uma filosofia da margem que põe em evidência *vestígios*, *rastros*, *brechas*, *arranjos*.

⁵ Ibid, p. 267-268.

Derrida, através de Nietzsche, percebe um estilo como vida, na vitalidade do texto (GUIMARÃES, 1996, p. 73). Um estilo ligado ao som, à tensionalidade musical, à reverberação física do corpo, ao resgate do eco longínquo que foi sufocado e esquecido pela linguagem conceitual. Derrida percebe em Nietzsche o estilo ligado ao labirinto do ouvido, à tonalidade afetiva, ao *páthos*, necessários para penetrar e desconstruir textos, deslocar a margem da interpretação, intertextualizar, mostrar os disfarces da verdade. Derrida vai resgatar a ideia de Nietzsche de um filosofar como o desvendar do estilo, por exemplo, o estilo aforístico, um fragmento que é por si mesmo desprovido de contexto, uma desterritorialização dos termos, criando espaço para a polifonia de significados. Um estilo que faz da filosofia um experimento desalojante, um colocar-se em risco, uma busca incessante de superação de si.

O estilo de Nietzsche (VATTIMO, 2010, p. 320) faz, por exemplo, o Zaratustra arriscar-se no jogo da interpretação. E é esse o entendimento do Zaratustra quando ele repete seu convite aos discípulos para que o interpretem mal, o abandonem, o traiam, o esqueçam.

A obra *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche (GUIMARÃES, 1996, p. 75), é esse contínuo jogo tensional de oposições, de perspectivas em disputa, onde os conceitos da tradição são “desconstruídos”, mas sem buscar uma síntese, uma definição última, um sentido. Sem a síntese, sem uma definição última, o leitor que nele busca encontrar a verdade já se perde pelo caminho, pois Zaratustra diz que não há caminho. Pois é preciso construí-lo continuamente, através do experimento e da interrogação.

REFERÊNCIAS:

- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad. de Joaquim Torres Costa, Antônio M. Magalhães; rev. téc. de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dictionnaire de Philosophie*. Paris: Éditions Nathan, 1990.
- GUIMARÃES RODRIGUES, Victor Hugo. “As armadilhas da desconstrução: as estratégias do texto nas aproximações entre Derrida e o Zaratustra de Nietzsche”. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n. 1, p. 69-82, 1996.
- HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Vozes, 2011.
- LOUIS, Pierre. *Les métaphores de Platon*. Tese de Doutorado. Rennes: Imprimeries réunies, 1945.

VATTIMO, Gianni. *Diálogos sobre Nietzsche: ensaios 1961-2000*. Trad. de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora WMF/ Martins Fontes, 2010.